

## VOS EM PORTUGUÊS: *SCRAMBLING* VS. MOVIMENTO *REMNANT*\*

JOÃO COSTA  
(Universidade Nova de Lisboa)

### 1. Introdução

O português europeu exhibe uma ordem de palavras bastante flexível (cf. para algumas abordagens Ambar 1992, Costa 1998, Duarte 1987, entre outros). A ordem VOS é uma das possibilidades gramaticais, como ilustrado em (1):

(1) Comeu a sopa o Paulo.

Há duas entoações possíveis para esta ordem de palavras: o sujeito pode ser precedido de uma pausa ou não:

- (2) a. Comeu a sopa o Paulo.  
b. Comeu a sopa, o Paulo.

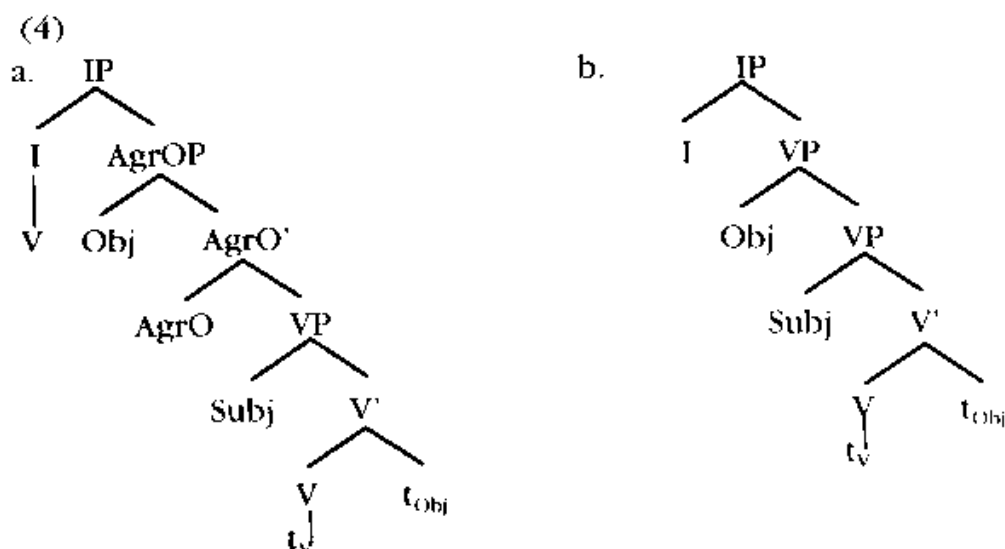
Em Costa (1996), defendi que estes dois padrões entoacionais correspondem a duas posições sintácticas distintas para o sujeito. A argumentação é baseada na interacção entre redobro pronominal e a distribuição de *question tags*. Estas aparecem em posição final de frase. Por outro lado, pronomes não podem redobrar material interno à frase (à excepção de pronomes introduzidos por preposição). Como (3) permite observar, se um sujeito segue uma *question tag*, pode ser redobrado por um pronome. Se segue um objecto sem ser precedido por uma pausa e precede a *question tag*, o redobro torna-se agramatical:

- (3) a. Comeu a sopa, não comeu?, o Paulo.  
b. Comeu a sopa o Paulo, não comeu?

- c. Ele comeu a sopa, não comeu?, o Paulo.  
 d. \*Ele comeu a sopa o Paulo, não comeu?

Este padrão pode ser analisado nos seguintes termos: só nas frases VOS com entoação neutra é que o DP é o verdadeiro sujeito da frase. Em frases VOS com pausa, o sujeito não é o sujeito temático, podendo ser analisado como um adjunto à frase ou como um tópico pendente (ver Kayne 1994 e Zubizarreta 1998 para análises semelhantes).

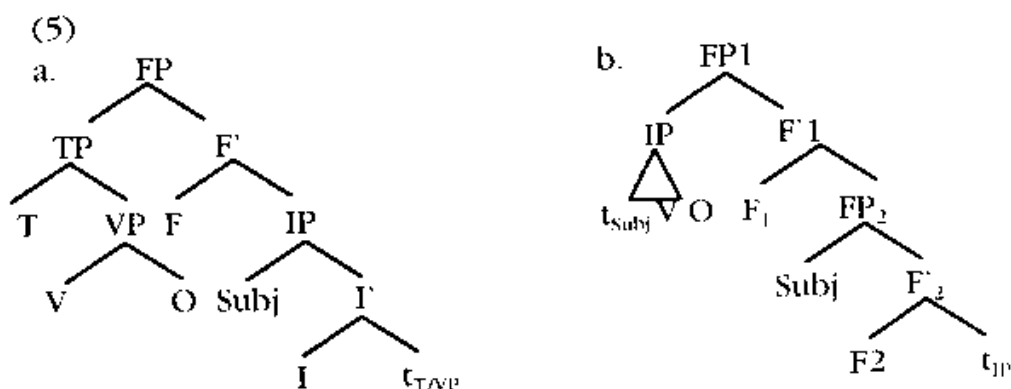
Estabelecer esta diferença é crucial para identificar o escopo empírico deste artigo: frases VOS com entoação neutra. Existem no momento duas análises concorrentes para esta ordem de palavras. A análise em termos de *scrambling* defende que esta ordem de palavras é derivada via movimento do verbo para I e *scrambling* do objecto para a esquerda do sujeito, que fica na sua posição de base. A configuração a que se chega pode ser uma das apresentadas em (4), dependendo das assunções relativas ao local de poiso do objecto (Spec,AgrOP ou adjunção a VP). Este tipo de análise é defendida por Zubizarreta (1998), Ordóñez e Treviño (1995), para o espanhol, Alexiadou e Anagnostopoulou (1996), para o grego, e Costa (1997, 1998) para o português.



Tal como é enfatizado por estes autores, a vantagem desta análise é o facto de permitir um tratamento uniforme para ordens VOS e para as construções de *scrambling* encontradas nas línguas germânicas. Contudo, este tipo de análise tem sido criticada por não explicar como é que o sujeito recebe caso na sua posição de base.

Uma análise alternativa para esta ordem de palavras nas línguas românicas pode ser encontrada em trabalhos recentes que seguem as propostas de Kayne (1998). De acordo com esta proposta, ordens VOS são derivadas movendo-se o

sujeito para Spec,IP ou para uma posição na periferia esquerda da frase e movendo-se o constituinte TP ou VP (que contém o vestígio do sujeito) para a posição de especificador de outra categoria funcional acima daquela para onde o sujeito foi deslocado. As configurações obtidas são representadas em (5). Este tipo de análise, a que podemos chamar de *movimento remnant*, é proposta por Kayne e Pollock (1998) para inversão estilística em francês, Ordóñez (1997), Zubizarreta (1998a) e Bok-Benema (1998) para ordens VOS em espanhol, e por Ambar e Pollock (1998) para ordens VOS em contextos interrogativos em francês e português.



Tal como é explicitamente enfatizado por Zubizarreta (1998a), este tipo de análise apresenta uma vantagem relativamente à análise em termos de *scrambling*, dado que o problema de Caso para o sujeito é resolvido. Em qualquer uma das configurações em (5), o sujeito passou por Spec,IP, onde pôde receber caso. No entanto, esta análise levanta outros problemas. O objectivo deste artigo é, pois, apresentar argumentos empíricos que parecem desfavorecer a análise *remnant*, comparando-a com a análise em termos de *scrambling*. Será mostrado que a análise que recorre a movimento *remnant* levanta problemas solucionáveis em termos de *scrambling* relativamente aos seguintes domínios empíricos:

- A- mobilidade do constituinte TP/VP
- B- posição de advérbios
- C- quantificadores flutuantes
- D- redobro do pronome
- E- função discursiva do sujeito
- F- escopo e c-comando
- G- clíticos
- H- propriedades do objecto

Para cada um destes domínios, mostrar-se-á que a análise em termos de movimento *remnant* ou faz predições erradas ou não oferece explicação.

## 2. Argumentos contra a análise em termos de movimento *remnant*

Vejam os então os argumentos que constituem evidência contra a análise em termos de movimento *remnant*, comparando-a com análise em termos de *scrambling*.

### A. Mobilidade de TP\VP:

Considere-se uma frase com ordem VOS como (6):

(6) Leu o livro o Paulo.

De acordo com a análise em termos de movimento *remnant*, o constituinte TP ou VP *leu o livro* é movido para a esquerda do sujeito. Idealmente, deve ser possível encontrar evidência independente que confirme a mobilidade deste constituinte. De facto, para uma frase como (6), tal evidência existe, dado que é possível clivar (7) ou antepor (8) o TP ou VP que contém o verbo:

*Clivada:*

(7) Foi ler o livro o que o Paulo fez.

*Anteposição:*

(8) O Pedro disse que lia o livro o Paulo, e ler o livro o Paulo leu.

Contudo, se a forma verbal for complexa, a evidência para a mobilidade deste constituinte é menos robusta. Para uma frase como (9), deve ser defendido que o constituinte movido para a esquerda do sujeito contém a sequência Auxiliar-Verbo Principal-Objecto.

(9) Tinha lido o livro o Paulo.

No entanto, não há evidência para a mobilidade deste constituinte. Ele não pode ser nem clivado (10) nem anteposto (11):

*Clivada:*

(10) \*Foi ter lido o livro o que o Paulo tinha feito.

*Anteposição:*

- (11) ??O Pedro disse que teria lido o livro o Paulo, e ter lido o livro ele tinha.

Assim, não há evidência clara a favor da ideia de que o material que precede o sujeito em frases VOS forma um constituinte que pode ser movido. O facto de algumas sequências VO ou Aux-V-O não poderem ser movidas não constitui problema para a análise em termos de *scrambling*, dado que nada é proposto no que diz respeito à necessidade de mover este constituinte. A única proposta feita neste tipo de análise é a de que o objecto é deslocado para esquerda do sujeito. A mobilidade do objecto encontra motivação empírica, independentemente da complexidade da forma verbal, como as construções clivada (13) e de anteposição (14) atestam:

- (12) a. Leu o livro o Paulo.  
b. Tinha lido o livro o Paulo

*Clivada:*

- (13) a. Foi o livro que o Paulo leu.  
b. Foi o livro que o Paulo tinha lido.

*Anteposição:*

- (14) a. O livro, leu o Paulo.  
b. O livro, tinha lido o Paulo.

Em resumo, postular que a ordem de palavras VOS é derivada via movimento do constituinte que contém o verbo e o objecto é problemático, dado que a evidência para a mobilidade deste constituinte não é muito forte.

**B. Posição de advérbios**

A distribuição de advérbios constitui o segundo conjunto de dados problemáticos para a análise em termos de movimento *remnant*. Advérbios monossilábicos têm uma distribuição bastante restrita (Costa 1996): surgem em posições baixas na frase e, em português, só ocorrem em posição final de frase se forem focalizados, conforme ilustrado em (15):

- (15) O Paulo leu aqueles livros {*\*mal*<sub>[+focus]</sub>/*mal*<sub>[+focus]</sub>}

Quando um advérbio monossilábico não é focalizado, aparece antes do objecto. O facto de a posição do advérbio ser condicionada pela sua função discursiva pode ser confirmado através dos pares pergunta-resposta em (16) e

(17). Se o advérbio introduz informação dada, pode não ocorrer em posição final

(16). Se o advérbio é o foco da frase, ocorre em posição final (17):

- (16) A: O que é que o Paulo leu mal?  
B: a O Paulo leu mal aqueles livros.  
b \*O Paulo leu aqueles livros mal.

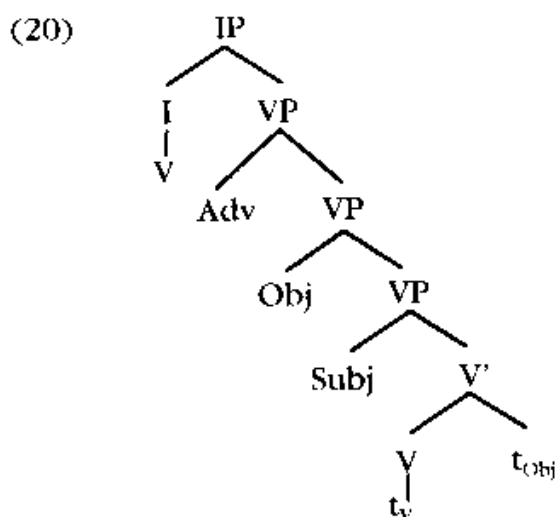
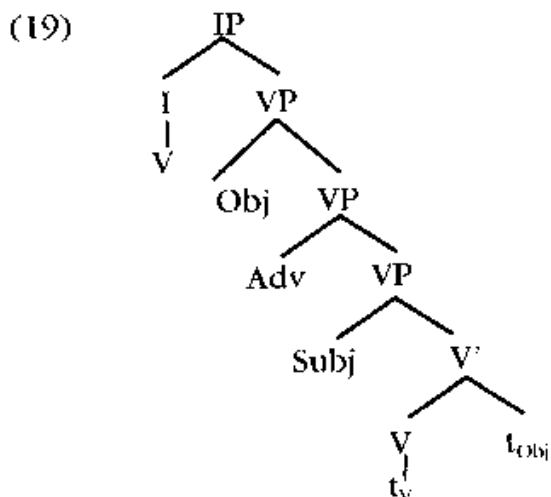
- (17) A: Como é que o Paulo leu o livro?  
B: a \*O Paulo leu mal o livro.  
b O Paulo leu o livro mal.

Em frases VOS, o advérbio pode ocorrer em duas posições: ou entre o objecto e sujeito ou entre o verbo e o objecto:

- (18) a Leu aqueles livros mal o Paulo.  
b Leu mal aqueles livros o Paulo

Na análise em termos de movimento *remnant*, não há uma explicação clara para este padrão. Porque é que o advérbio pode ter uma distribuição menos restrita quando há movimento do constituinte que o contém? Note-se que não há nenhuma razão discursiva, dado que o estatuto informativo do objecto e o do advérbio são semelhantes. Como veremos mais à frente, frases VOS são usadas em contextos em que apenas o sujeito é focalizado. Assim, não há razão discursiva que motive movimentos internos ao constituinte movido para a esquerda do sujeito. Também não parece haver nenhuma razão sintáctica para a inexistência de ordem fixa entre o objecto e o advérbio apenas em frases VOS.

A análise em termos de *scrambling*, por sua vez, oferece uma explicação natural para este comportamento. Assumindo que *scrambling* em português é obtido através de adjunção do objecto a VP (ver Costa 1997 para argumentos a favor desta análise), espera-se que não exista uma ordem fixa entre dois adjuntos a VP. V-O-Adv-S e V-Adv-O-S são as ordens esperadas, conforme as estruturas em (19) e (20):



### C. Quantificadores flutuantes

Considere-se agora o comportamento dos quantificadores flutuantes. Como se sabe, quantificadores flutuantes são possíveis após movimento do sujeito para Spec,IP (Sportiche 1988, Koopman and Sportiche 1991). Em português, os quantificadores flutuantes comportam-se como esperado: podem aparecer em qualquer posição pós-sujeito, indicando o caminho traçado pelo sujeito de Spec,VP para Spec,IP.<sup>1</sup>

- (21) a. Os meninos todos tinham lido o livro.  
 b. Os meninos tinham todos lido o livro.  
 c. Os meninos tinham lido todos o livro.

De acordo com a análise em termos de movimento *remnant*, o sujeito move-se para Spec,IP ou para uma posição mais alta, sendo o constituinte que contém o vestígio do sujeito movido para a sua esquerda. Note-se que não há

problema em mover um VP ou TP que contenha um quantificador flutuante para a esquerda do sujeito. (22) atesta que um VP clivado pode conter um quantificador flutuante:

- (22) Foi ler todos o livro o que os meninos fizeram.

Considerando a assunção da análise em termos de movimento *remnant* e o facto de VPs ou TPs movidos/movíveis poderem conter quantificadores flutuantes, é legítimo defender que a análise em termos de movimento *remnant* prediz que podem ocorrer quantificadores flutuantes antes do sujeito em frases VOS. No entanto, esta predição é infirmada pelos dados:

- (23) a. \*Tinham todos lido o o livro os meninos.  
 b. \*Tinham lido todos o livro os meninos.  
 c. Tinham lido o livro todos os meninos.  
 had read the book all the children

A única posição gramatical para o quantificador flutuante é em adjacência ao sujeito, ou seja, numa posição em que não flutua.

Este problema não se levanta para uma análise em termos de *scrambling*. Dado que é assumido que o sujeito se mantém em Spec,VP, é predita a agramaticalidade de quantificadores flutuantes antes do sujeito.

#### D. Redobro do tópico e “question tags”

Voltemos agora à interacção entre *question tags* e redobro pronominal referida na introdução. Como foi mencionado, as *question tags* ocorrem em posição final de frase:

- (24) O Paulo leu o livro, não leu?

Tópicos em posição final de frase, após uma pausa, podem ser redobrado por um clítico ou por um pronome, como em (25). Podem ser redobrados objectos directos, objectos indirectos e sujeitos. A única diferença entre estes e os argumentos internos do verbo é a ausência de clíticos sujeito em português, que força o redobro por um pronome forte.

- (25) a. *Objecto directo:*  
 O Paulo leu-o, esse livro.  
 b. *Objecto indirecto:*  
 O Paulo deu-lhe o livro, à Maria.  
 c. *Sujeito:*  
 Ele leu o livro, o Paulo.



Como foi referido na introdução material interno à frase não pode ser redobrado. Tal pode ser observado para os objectos directos, como em (26a), em que o objecto directo ocorre adjacente ao clítico sem pausa. O mesmo acontece com objectos indirectos, como se pode ver em (26b), em que o objecto indirecto aparece antes do objecto directo e adjacente ao clítico sem ser precedido de pausa. Vê-se assim que o tipo de redobro observado em português é distinto do redobro observado noutras línguas românicas. O contraste entre (25) e (26) permite afirmar que os elementos pronominais ocupam as posições temáticas, encontrando-se os DPs ou PPs em posições periféricas à frase.

- (26) a. *Objecto directo:*  
       \*O Paulo leu-o esse livro ontem.  
       b. *Objecto indirecto:*  
       \*O Paulo deu-lhe à Maria o livro.

Considere-se agora o que acontece com sujeitos. Tal como os objectos directo e indirecto, os sujeitos só podem ser redobrados se seguirem uma *question tag* ou qualquer outro marcador da fronteira direita da frase. Assim, pode-se dizer que o sujeito se comporta como os outros argumentos do verbo.

- (27) a. Ele leu o livro, não leu?, o Paulo  
       b. \*Ele leu o livro o Paulo, não leu?

Vejam os dados agora a relevância destes dados para a comparação de análises para frases VOS. Numa implementação específica da análise de movimento *remnant* para dar conta de inversão estilística em francês, Kayne e Pollock (1998) defendem que, em frases VOS, o sujeito se encontra em Spec,TopP. Como vimos acima, sujeito tópicos podem ser redobrados. Mesmo que se encontrem em posição inicial de frase, podem ser, pelo menos marginalmente, redobrados:<sup>2</sup>

- (28) ?O Paulo, ele leu esse livro.

A questão que se levanta para a análise de Kayne e Pollock é a de saber por que razão o suposto tópico não pode ser redobrado em frases com a ordem VOS, tal como ilustrado acima e repetido em (29):

- (29) \*Ele leu o livro o Paulo.

Esta agramaticalidade não é explicada neste tipo de análise. De acordo com a análise em termos de *scrambling*, este é o padrão esperado. Em VOS, o sujeito é

interno à frase, ocupando a sua posição temática. Dado que não está numa posição de tópico, não se espera que o redobro seja possível.

### E. Função discursiva do sujeito

Tal como foi referido acima, o sujeito em posição final de frase em ordens VOS é focalizado. Tal pode ser confirmado através do par pergunta-resposta em (30):

- (30) A: Quem leu o livro?  
B: Leu o livro o Paulo.

Em português, focos contrastivos são marcados entoacionalmente (Frota 1998). É crucial observar-se que um constituinte pode ser simultaneamente foco informacional e contrastivo. Por outras palavras, pode constituir a resposta a uma pergunta e ser marcado com um acento forte. A diferença entre (30) e (31) reside no facto de a resposta de (31) implicar que *unicamente* o Paulo leu o livro.

- (31) A: Quem leu o livro?  
B: Leu o livro O PAULO.

Tendo notado esta função discursiva do sujeito em ordens VOS em espanhol, Ordóñez (1997) propõe que, dado que o sujeito é focalizado, deve ser movido para uma projecção funcional na periferia esquerda da frase que codifique informação de foco: FocusP. O constituinte *remnant* que introduz informação dada é movido para uma posição de tópico à esquerda de FocusP.

Embora dê conta da função discursiva do sujeito, esta análise é problemática. No seu estudo sobre a periferia esquerda da frase, Rizzi (1997) mostra que sintagmas-wh e constituintes focalizados movidos estão em distribuição complementar. Assim, a predição feita pela análise em termos de movimento *remnant* é a de que sintagmas-wh em frase VOS deveriam ser agramaticais. Contudo, esta predição é infirmada pelos dados:

- (32) A quem deu o livro O PAULO?

Na análise de Kayne e Pollock (1998), é proposto que o sujeito ocupe a posição de Spec,TopP. Esta assunção não levanta o problema posto acima à análise de Ordóñez, mas, por outro lado, não dá conta da função discursiva do sujeito.

Ambar e Pollock (1998) apresentam um argumento a favor da análise de Kayne e Pollock. Estes autores notam que, em contextos interrogativos com ordem VOS, o sujeito final não pode ser nem um pronome nem um pronome

indefinido. Estes são elementos que não podem ser topicalizados em português. A semelhança entre o tipo de sujeito que ocorre em posição final em frases interrogativas VOS e o tipo de sujeito que pode ser topicalizado pode, assim, ser tomado como evidência a favor da análise que defende que o sujeito final em VOS está em Spec,TopP.

- (33) a A quem deu o livro o João?  
 b \*A quem deu o livro ele?  
 c \*A quem deu o livro alguém?

Embora o argumento seja interessante, esta análise em termos de topicalização do sujeito revela-se problemática. Antes de mais, note-se que a posição final de frase não se encontra reservada para tópicos. Como (32) atesta, outras funções discursivas, tal como foco contrastivo, podem ser encontradas nesta posição.

Mais problemático para a análise proposta é o facto de não existir evidência independente adicional a favor da proposta de que o sujeito é topicalizado. A predição feita é de que se deve encontrar propriedades de topicalização em ordens VOS em contextos interrogativos. Duarte (1987,1996) identifica várias propriedades da construção de topicalização em português, que podem ser usadas como teste para a proposta de Ambar e Pollock.

Duarte mostra que elementos topicalizados licenciam lacunas parasitas (35a). De acordo com esta propriedade, espera-se que, em ordens VOS, o sujeito seja capaz de licenciar lacunas parasitas. No entanto, estas são agramaticais neste contexto (35b).

- (35) a Esse artigo, o João elogiou sem ter lido.  
 b \*Quando foram criticados sem o Paulo ter lido os artigos?

Se existe uma oração principal e uma subordinada, podem ser topicalizados constituintes de cada uma delas (36a). A predição feita pela análise de Ambar e Pollock é a de que quer o sujeito da oração principal quer o sujeito da oração encaixada possam ser topicalizados, como em (37b), sendo os IPs remanescentes deslocados para categorias funcionais à esquerda do local de poiso do sujeito, como em (37c). Estas operações, preditas pela análise, derivam uma ordem em que ambos os sujeitos ocorrem adjacentes no final da frase. No entanto, esta ordem é agramatical (36b).

- (36) a O Pedro disse à Maria que o Paulo ia à praia nesse dia.  
 a' À Maria, o Pedro disse que, à praia, o Paulo ia nesse dia.  
 b \*Quando disse que ia à praia o Paulo o Pedro?

(37) a. *movimento-wh*

$[_{CP} \text{Quando } [_{FP} [_{TopP} [_{IP} \text{ o Pedro disse } [_{CP} \text{ que } [_{FP} [_{TopP} [_{IP} \text{ o Paulo ia à praia } t_{wh} ]]]]]]]]$

b. *topicalização do sujeito em ambas as frases*

$[_{CP} \text{Quando } [_{FP} [_{TopP} \text{ o Pedro } [_{IP} t_{DP} \text{ disse } [_{CP} \text{ que } [_{FP} [_{TopP} \text{ o Paulo } [_{IP} t_{DP} \text{ ia à praia } t_{wh} ]]]]]]]]$

c. *movimento remnant de IP:*

$[_{CP} \text{Quando } [_{FP} [_{IP} t_{DP} \text{ disse } [_{CP} \text{ que } [_{FP} [_{IP} t_{DP} \text{ ia à praia } t_{wh} ]]]_{TopP} \text{ o Paulo } t_{IP} ]]] [_{TopP} \text{ o Pedro } t_{IP} ]]$

Um outro problema para a análise de Ambar e Pollock decorre da falta de paralelismo entre topicalização de elementos de uma oração subordinada para a posição de tópico da oração principal, como em (38), e a construção em análise. Como se pode ver em (38b), um sujeito encaixado pode ocorrer na posição de tópico da oração subordinante.

- (38) a O Pedro contou à Maria que o Paulo vai ao cinema.  
 b **O Paulo**, o Pedro contou à Maria que **t** vai ao cinema.  
 c **À Maria**, o Pedro contou t que o Paulo vai ao cinema.  
 d **Ao cinema**, o Paulo contou que o Paulo vai t.

Dado que as topicalizações em (38) são possíveis, a predição feita é a de que, em contextos interrogativos, qualquer um destes constituintes possa ocorrer em posição final de frase. No entanto, como (39) mostra, apenas o sujeito (alegadamente topicalizado) pode ocorrer nesta posição. A análise em termos de movimento *remnant* prediz incorrectamente a gramaticalidade de (39b) e (39c).

- (39) a Quando **t** contou à Maria que o Paulo vai ao cinema **o Pedro?**  
 b \*Quando o Pedro contou à Maria que **t** vai ao cinema **o Paulo?**  
 c \*Quando o Pedro contou t que o Paulo vai ao cinema **à Maria?**

De acordo com análise em termos de *scrambling*, a ausência de paralelismo com construções de topicalização não constitui um problema. Estando em Spec,VP, o sujeito pode ser interpretado como foco da frase, dado que se encontra na posição mais à direita/mais encaixada, onde pode receber o acento nuclear de frase (Nespor e Vogel 1986, Cinque 1993, Zubizarreta 1998, entre outros).

A interpretação do sujeito como foco decorre assim da interface entre a sintaxe e a prosódia e não da associação com uma determinada categoria funcional. As propriedades de tópico do sujeito final em contextos interrogativos

não são completamente inesperadas nem constituem um problema para esta análise. Dado que a entoação de frases interrogativas é diferente, não é feita qualquer predição relativamente à função discursiva do sujeito nestes contextos.

### F. Escopo e c-comando

Em frases VOS, o objecto c-comanda o sujeito. A confirmar esta afirmação estão os seguintes factos: um objecto quantificado pode ter o sujeito sob seu escopo como na frase ambígua em (40) e são encontrados efeitos de violação do princípio C em frases como (41) e (42). Em ambos os casos, parece ser possível afirmar que o objecto que antecede o sujeito o c-comanda.

#### *Escopo de quantificadores:*

(40) Leram um livro dois alunos. (O>S, S>O)

#### *Violação de princípio-C:*

(41) *SVO:*

a. O irmão do Paulo<sub>i</sub> viu-o<sub>i</sub>.

*VOS:*

b. \*Viu-o<sub>i</sub> o irmão do Paulo<sub>i</sub>.

(42) *SV IO DO:*

a. O irmão do Paulo<sub>i</sub> deu-lhe<sub>j</sub> o livro.

*V IO DO S:*

b. \*Deu-lhe<sub>j</sub> o livro o irmão do Paulo<sub>i</sub>.

Estes factos baseados em escopo de quantificadores e violação do princípio-C são problemáticos para a análise em termos de movimento *remnant*. De acordo com esta análise é obtida uma configuração em que o objecto é um constituinte do constituinte movido, como em (43). Note-se que nesta estrutura o objecto não c-comanda o sujeito.

(43) [<sub>FP</sub> [<sub>TPVP</sub> V O ] [<sub>NP</sub> S...]]

Assim, a predição feita por esta análise é a de que os objectos em frases VOS não deveriam ter escopo sobre o sujeito, nem deveriam ser encontrados efeitos de violação do princípio-C, dado que, em (43), o objecto não c-comanda o sujeito.

A análise em termos de *scrambling* prediz estes factos. Na configuração obtida após movimento do objecto para a esquerda do sujeito, em (44), o objecto c-comanda o sujeito.

(44) [<sub>FP</sub> V [<sub>XP</sub> O [<sub>VP</sub> S ]]]

A ambiguidade da frase (40) pode ser explicada se se assumir que o objecto adjunto a VP pode ser reconstruído na sua posição de base, onde é c-comandado pelo sujeito.

### G. Clíticos: ênclise vs. próclise

Como se sabe, a distribuição de clíticos em português europeu pode ser dependente das propriedades sintácticas da frase (ver Duarte e Matos 1995, entre outros). Um clítico que co-ocorre com um sujeito pré-verbal não quantificado é enclítico (45), enquanto sujeitos pré-verbais quantificados desencadeiam próclise (46).

(45) a. O Paulo viu-o.  
b. \*O Paulo o viu.

(46) a. Ontem todos os meninos o viram.  
b. \*Ontem todos os meninos viram-no.

Dado que a análise em termos de movimento *remnant* propõe que, em frases VOS, o sujeito está ou esteve em Spec,IP, é predito que um sujeito quantificado desencadeie próclise. No entanto, esta predição é infirmada pelo facto de ênclise ser o padrão encontrado nestas frases:<sup>3</sup>

(47) a. \*Ontem o deram à Maria todos os meninos.  
b. Ontem deram-no à Maria todos os meninos.

Note-se que este argumento pode ser alargado a sintagmas-wh que se mantêm *in situ*. Um wh- movido desencadeia próclise:

(48) a. Quem o leu?  
who it read  
b. \*Quem leu-o?  
who read it

Um sintagma-wh sujeito em contexto VOS não desencadeia próclise:

(49) a. \*O deu à Maria quem?  
b. Deu-o à Maria quem?

Estes padrões de posicionamento de clíticos são os esperados na análise em termos de *scrambling*. Sujeitos em contextos VOS estão na sua posição de base, Spec,VP. Dado que próclise só é desencadeada por sujeitos quantificados que ocupam a posição de sujeito pré-verbal, é predito que, neste contexto, se encontra ênclise.

Contra este argumento, pode ser levantada uma objecção. Assumamos com Kayne e Pollock (1998) e Ambar e Pollock (1998) que o sujeito em VOS está numa posição de tópico. Se assim for, pode ser defendido que não é predita a ocorrência de próclise, dado que topicalização não a desencadeia, independentemente da posição do sujeito:

- (50) a Esse livro, o Paulo leu-o.  
b Esse livro leu-o o Paulo

Contudo, se o tópico for quantificado, é desencadeada próclise, tal como é defendido em Raposo (1995):

- (51) Muitos livros lhe leu o Paulo.

Tendo em conta este dado, torna-se possível testar se a próclise não é desencadeada em contextos VOS por o sujeito se encontrar numa posição de tópico. Se se usar um sujeito quantificado semelhante ao constituinte movido em (51), observa-se que não é desencadeada próclise:

- (52) a Leram-lhe livros muitos meninos.  
b \*Lhe leram livros muitos meninos.

O facto de ser sempre obtida ênclise independentemente das propriedades do sujeito permite refutar a objecção a este argumento baseada na ideia de que os sujeitos em frases VOS são topicalizados.

#### **H. Propriedades do objecto**

A aceitabilidade de frases VOS varia com o tipo de objecto da frase. Até aqui quase todos os exemplos contêm DPs definidos ou fortes na posição de objecto. Contudo, se o objecto for indefinido, a aceitabilidade da frase é menor, tornando-se ainda menor com DPs indefinidos não-específicos:

- (53) a ?Viu um gato o Paulo.  
b \*Viu um homem qualquer o Paulo.  
c ??Leu algo o Paulo

Esta relação entre as propriedades do objecto e o grau de gramaticalidade da frase é problemática para a análise em termos de movimento *remnant*. De acordo com esta análise, o objecto não é mais do que uma parte do constituinte movido. Assim, não há uma razão clara para a sensibilidade de um subconstituente do XP movido.

Este problema não se levanta para a análise em termos de *scrambling*. O constituinte que é movido para se chegar à ordem VOS é o objecto. Assim, espera-se que haja alguma sensibilidade à definitude do constituinte movido. Sabe-se que, nas línguas românicas, *scrambling* é melhor com DPs definidos do que com DPs indefinidos. Encontra-se assim um padrão semelhante em português. Além disso, se, como é defendido em Reinhart (1995) e adaptado para o português em Costa (1997,1998), o objecto é movido por não ser o foco da frase, é esperado que objectos indefinidos, que tipicamente introduzem informação nova, ocorram marginal ou agramaticalmente na posição de *scrambling*.

### 3. Conclusão

Como os resultados dos testes acima mostram, a análise em termos de movimento *remnant* encontra problemas que não se levantam para análise em termos de *scrambling*.

É importante notar que há várias alternativas para resolver o problema mencionado na introdução que se levanta para a análise em termos de *scrambling*: se o sujeito fica em Spec,VP, como recebe Caso? Há várias propostas na literatura para lidar com este problema. Contreras (1991) sugere que Caso seja atribuído sob regência pelo verbo em I. Assumindo o mecanismo de verificação de traços do Programa Minimalista, Barbosa (1995) e Alexiadou e Anagnostopoulou (1996) assume que, nas línguas em que o sujeito pode ficar em Spec,VP, o traço de Caso do sujeito é fraco, sendo Caso verificado depois de Spell-Out. Uma perspectiva diferente é proposta em Costa (1998), onde é defendido, no âmbito da Teoria da Optimidade, que a restrição que força movimento do sujeito para Spec,IP pode ser violada quando interage com a restrição sobre constituintes focalizados, que força o sujeito a ocupar uma posição baixa na estrutura. Uma comparação entre estas abordagens (ver Costa 1998) não cabe no escopo deste artigo. Por agora, é suficiente notar que o problema de Caso que, pelo menos nalgumas análises (Zubizarreta 1998a), motiva o abandono da análise em termos de *scrambling* pode ser resolvido de formas diferentes.

### Notas

\* Uma versão ligeiramente modificada deste artigo em inglês aparecerá em Costa (no prelo). Esta comunicação foi apresentada no *Workshop on remnant and F-movement and their implications for the T-model*, em Potsdam, nas Universidades de Hamburgo e



Leiden, e no Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Agradeço às audiências pelos comentários e sugestões.

1 A ordem sujeito-quantificador-V é explicada em Costa (1998) em termos de movimento curto do verbo.

2 É irrelevante para a presente discussão saber se a posição inicial de sujeitos tópicos é uma posição-A ou uma posição de deslocação à esquerda clítica, como defendido em Barbosa (1995, no prelo).

3 Este argumento só funciona se a distribuição de clíticos for de facto desencadeada por factores sintácticos. Barbosa (no prelo) sugere que ênclise ocorre sempre que o clítico é o elemento inicial do constituinte prosódico Intonational Phrase, o que seria o caso nas frases em (47). Se a análise prosódica proposta por Barbosa está certa, este argumento não pode ser usado.

### Referências

- ALEXIADOU, Artemis e Elena ANAGNOSTOPOULOU. 1996. *Symmetries, Asymmetries and the role of Agreement*. Comunicação apresentada na conferência GLOW, Atenas.
- AMBAR, Manuela. 1992. *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa [publicada por Colibri].
- AMBAR, Manuela e Jean-Yves POLLOCK. 1998. *Topique et Commentaire dans quelques constructions à inversion du sujet en français et portugais*. ms, Universidade de Lisboa & CNRS, Lyon.
- BARBOSA, Pilar. 1995. *Null subjects*. Dissertação de doutoramento, MIT.
- BARROSA, Pilar. no prelo. Clitics: a window into the Null Subject Property. in J. Costa (ed) *Portuguese Syntax: new comparative studies*. Oxford University Press.
- BOK-BENEMA, Reineke. 1998. *Remnant VP movement in Spanish*. Comunicação apresentada no Going Romance, Utrecht.
- CONTRERAS, Heles. 1991. On the position of subjects. in S. Rothstein (ed) *Perspectives on phrase structure*. Syntax and Semantics, 25. Academic Press, San Diego.
- CINQUE, Guglielmo. 1993. A Null Theory of Phrase and Compound Stress. in *Linguistic Inquiry*, 24.
- COSTA, João. 1996. Adverb positioning and V-movement in English: some more evidence. In *Studia Linguística*, 50:1.
- COSTA, João. 1997. Scrambling in European Portuguese. in *SCIL* 8, MIT Working Papers in Linguistics.
- COSTA, João. 1998. *Word Order Variation. A constraint-based approach*. Dissertação de doutoramento, HIL/Leiden University.
- COSTA, João. no prelo. VOS in Portuguese: arguments against an analysis in terms of remnant movement. in A. Alexiadou e S. Barbiers (eds). *Remnant Movement, F-Movement and the T-model*. John Benjamins.

- DUARTE, Inês. 1987. *A construção de topicalização em português europeu*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- DUARTE, Inês. 1996. A Topicalização em Português Europeu: uma análise comparativa. in I. Duarte and I. Leiria (eds.) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. APL/Colibri.
- DUARTE, Inês and Gabriela MATOS. 1995. Romance Clitics and the Minimalist Program. A publicar em J. Costa (ed) *Portuguese Syntax: new comparative studies*. Oxford University Press
- FROTA, Sónia. 1998. *Prosody and Focus in European Portuguese*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- de HOOP, Helen. 1991. *Case configuration and NP interpretation*. Dissertação de doutoramento, University of Groningen.
- KAYNE, Richard. 1994. *The Antisymmetry of Syntax*. MIT Press, Cambridge.
- KAYNE, Richard. 1998. Overt vs. Covert Movement. ms, New York University.
- KAYNE, Richard and Jean-Yves POLLOCK. 1998. *New thoughts on stylistic inversion*. Comunicação apresentada no Workshop on Inversion in Romance, University of Amsterdam.
- KOOPMAN, Hilda and Dominique Sportiche. 1991. The position of subjects. in *Lingua*. 85
- NESPOR, Marina and Irene Vogel. 1986. *Prosodic Phonology*. Foris, Dordrecht.
- ORDÓÑEZ, Francisco. 1997. *Word Order and Clause Structure in Spanish and other Romance languages*. Dissertação de doutoramento, CUNY.
- ORDÓÑEZ, Francisco and Esthela TREVIÑO. 1995 *Los sujetos y objetos preverbiales en español*. Comunicação apresentada no 5th Colloquium on Generative Grammar, Corunha.
- RAPOSO, Eduardo. 1995. Clitic position and verb movement in European Portuguese. A publicar em J. Costa (ed) *Portuguese Syntax: new comparative studies*. Oxford University Press.
- REINHART, Tanya. 1995. *Interface Strategies*. Utrecht University/OTS.
- RIZZI, Luigi. 1997. The fine structure of the left periphery. in L. Haegeman (ed) *Elements of Generative Syntax*. Kluwer.
- SPORTICHE, Dominique. 1988. A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure. in *Linguistic Inquiry*.
- ZUBIZARRETA, Maria Luisa. 1998. *Word Order, Prosody and Focus*. MIT Press, Cambridge.
- ZUBIZARRETA, Maria Luisa. 1998a. *The structure of the Higher Middle Field: the position of the verb and the subject*. Comunicação apresentada no Workshop on Inversion in Romance, University of Amsterdam.